

Adolfo Casais Monteiro

OBRAS COMPLETAS



**O PAÍS
DO ABSURDO**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

**CRÓNICAS DO REINADO DE D. MARIA III:
AUTO-RETRATO DE UM ESCRITOR PARTICIPANTE**

A primeira virtude dum povo que quer modificar o seu destino deve ser conhecer-se, para ser capaz de se modificar, e poder modificar as condições de vida que lhe impedem a conquista da autonomia política. [P. 54.]

O volume que o leitor tem nas mãos é uma obra atípica a vários títulos. É-o na sua história, na sua relação com a restante obra do autor, na sua vinculação ao discurso crítico português contemporâneo. De tudo isso se falará neste prefácio. Mas, ao principiar, será talvez mais importante avisar que este não é um livro para almas sensíveis. Este é um livro em que a fúria, a indignação, o asco pelo que foi a realidade portuguesa durante grande parte da vida de Adolfo Casais Monteiro, surgem com uma nitidez tal que não permite grandes matizes. O título, desde logo, não permite grandes dúvidas. E se o tom geral nunca chega à abjecção de tantas páginas de Jorge de Sena, isso não se deve a menor intensidade de sentimentos, antes, sim, à maior contenção da escrita de Casais Monteiro, que se revela mais analítica e humorada do que alguma vez Sena chegou a ser em (por exemplo) O Reino da Estupidez.

O País do Absurdo, obra póstuma de Casais publicada por João Paulo Monteiro em 1974, é um livro que raramente é mencionado quando o seu autor é lembrado. Esta não entrada na história é afinal a sua história, o que não espanta se virmos o que sucedeu a várias obras declaradamente políticas

de Eduardo Lourenço, por exemplo, e sobretudo se atendermos à inconveniência das palavras tantas vezes premonitórias de Casais na data de publicação do livro (pelas edições República, numa colecção que incluiu O Cosmopolitismo de Damião de Góis, de Marcel Bataillon, e O Canto Arma de Victor Jara, de José Jorge Letria). Essa inconveniência mantém-se ainda hoje, como facilmente se perceberá, e não apenas face a discursos oficiais, mas também às supostas «descobertas» de jovens turcos com notória falta de leituras e muita simpatia pelo antigamente que nunca conheceram. Ora, Casais conheceu-o. E quem preferir descrições romanescas da I República, como as que Vasco Pulido Valente popularizou nas últimas décadas, ou evocar o caso do bispo do Porto como se fosse de uma imaculada virtude, ou ainda fantasiar sobre uma Oposição de puros e íntegros contra «os fascistas», é melhor que pare a leitura aqui. Os artigos de Adolfo Casais Monteiro que compõem este livro (alguns, poucos, já aparecidos em Melancolia do Progresso, INCM, 2003) são simplesmente demasiado violentos para quem quiser agarrar-se acriticamente às ideias, sentimentos e opções que são já as suas. E, por isso mesmo, é bastante provável que esta republicação conheça o mesmo destino da primeira edição. Mais uma razão para destacar as linhas de força que associam estes textos políticos.

*

Há coisas que hoje nos parecem simples e claras, mas que há cinquenta anos eram impensáveis. É por isso que não tem sentido acusar os homens que fizeram a República de estarem ao lado da realidade e não a ver. Realmente, ela era invisível — como continua invisível para os teorizadores abstractos do Estado Novo. [P. 195.]

Abstraindo já da história deste livro, e centrando-nos na sua relação com as restantes obras de Casais Monteiro, O País do Absurdo sobressai pela sua natureza política. É um texto partidário, mas sobretudo político. Isto é: nele toma-se partido pelo passado do liberalismo que se deseja tonificado com um marxismo pós-estalinista (uma consciência marxista contra a abdicação idealista — cf. p. 249), perto da margem dos «não alinhados» (cf. pp. 309-312). Uma consciência política pessoal, portanto, não enquadrada em nenhum partido, e que coincide com as posições dos textos sobre intelectuais e poder aqui publicados e entretanto incluídos em Melancolia do Progresso (relativos à questão da Hungria, a Sartre, à função social dos intelectuais). Servindo-nos dos termos preferidos de Casais Monteiro, é uma «terceira força» (ver pp. 289-290), a consciência de «escritor participante».

Isto rompe com a habitual descrição dos «presencistas» como indiferentistas, ponto que já foi mais do que refutado por gente tão diversa como Eugénio Lisboa, António Ventura e este vosso criado. Mas aqui compensa chover no molhado: a natureza

política destes textos corta com uma caracterização parcial e distorcida do discurso crítico português e, por isso, não se limita a dar elementos pessoais sobre as convicções de um autor específico, dá também uma medida bem concreta e real da participação política dos da geração presencista (e anterior, com destaque para os da Seara primitiva) na oposição ao Estado Novo. Em algumas páginas brilha, com a maior naturalidade, a relação formada na acção política entre as diferentes gerações desse discurso crítico, como nos dois textos sobre Jaime Cortesão ou em «O crime de discordar e o direito de ir para a cadeia». O jovem, ainda adolescente, que se juntara aos revoltosos de 1927 contra aquilo que ainda era «apenas» uma ditadura militar não poderia tornar-se alguma vez alguém «alienado». Toda a sua obra literária o comprova, em particular a poesia que, tanto como a crítica (e, a seus olhos, ainda mais), o definia; mesmo sendo o mais próximo de um ideário marxista de entre os directores da Presença, de modo algum era nisso excepção (e basta ler os textos aqui mesmo publicados sobre as desventuras do teatro de Régio para não haver dúvidas, ou ainda «O escritor e a sociedade»). Mas a excepção face aos seus companheiros, tanto da Presença como de A Águia (do tempo de Leonardo Coimbra), está aqui nestes textos mais do que em quaisquer outros. Eles articulam uma visão da história política portuguesa dos séculos XIX e XX que, sendo devedora da leitura sergiana da nossa modernidade falhada (ver, por exemplo, p. 193), é antes de mais uma síntese da cultura liberal que unia as sucessivas gerações de

<i>Crónicas do Reinado de D. Maria III: Auto-Retrato de um Escritor Participante,</i> <i>por CARLOS LEONE</i>	9
--	---

O PAÍS DO ABSURDO
TEXTOS POLÍTICOS

Figuras e problemas do nosso tempo. O país do absurdo	33
O crime de discordar e o direito de ir para a cadeia.....	37
A tranquilidade soberana do túmulo	41
A farsa da «ordem».....	45
O despertar da Igreja em Portugal.....	49
A verdadeira face do absolutismo salazarista	53
A inocente ANI	59
As ditaduras não têm palavra	63
Entre a prisão e o exílio	67
A união pela liberdade	71
Pela amnistia	75
Aos heróis sem nome	79
Moral e política.....	83
As ideias e os homens do 28 de Maio até hoje	87
Salazar, um mito para mediócras	95
Nas vésperas da derrocada.....	103
Os tiranos não têm pátria	109
Os assassinos no poder	113

O problema colonial	117
As soluções do Sr. Henrique Galvão para o problema colonial	121
Goa e a demagogia patrioteira	125
Se o Brasil quiser dar uma lição de democracia	129
O confortável mito	133
Os atrevidos lacaios de Salazar	137
Salazaristas teleguiados	141
O colóquio e a comunidade	145
Duas mentalidades	149
Um tratado contra a democracia	153
Um defensor do Sr. Salazar	157
A missão de Álvaro Lins	161
Unidade: como e com quem?	169
Pela unidade, contra os falsos democratas	173
Os inimigos da unidade desmascaram-se	177
Unidade democrática	181
Discurso de 5 de Outubro de 1962	185
Discurso de 5 de Outubro de 1966	191
Sócio-fenomenologia do golpe	197
Política e cultura	205
Intervenções policiais na actividade cultural	209
Confronto de ideias	213
Figuras e problemas do nosso tempo. Polícia e literatura	217
Cultura e diplomacia	221
Teatro e censura	225
Figuras e problemas do nosso tempo. Liberdade de imprensa	229
No reino das sombras	233
O SNI e os artistas portugueses	237
O <i>Times</i> , a UNESCO e a censura espanhola	241
A universalização do marxismo	245

A perigosa viragem	251
Cultura e partido único na Hungria	255
Figuras e problemas do nosso tempo. Sartre, com e sem existencialismo	259
A função dos intelectuais	263
Quem são os intelectuais? (I — Os dados do problema)	267
Privilégio e miséria dos intelectuais	273
A função do escritor	277
O escritor e a sociedade	281
O escritor «participante»	285
Figuras e problemas do nosso tempo. A terceira força	289
Figuras e problemas do nosso tempo. O aventureiro, o militante e o burocrata	293
Figuras e problemas do nosso tempo. Tartufo e o Conselheiro Acácio sobre o túmulo de Garrett	297
Jaime Cortesão: o heroísmo sem alarde	301
Jaime Cortesão, herói e sábio	305
Uma posição e um livro	309
Portugal Oprimido	313
Figuras e problemas do nosso tempo. Crepúsculo sem deuses	317
A verdade... oficial	321
Uma teologia nacionalista	325
Prefácio de <i>Quando os Lobos Julgam</i>	329
Quando os cães mordem	333